



LEITURAS DA INFÂNCIA: DA MÍMESIS À INDÚSTRIA CULTURAL

Vilmar Alves Pereira¹

Jacqueline Carrilho Eichenberger²

Vanessa Alves Vargas³

RESUMO

Com a crise dos fundamentos que deram sustentação à racionalidade moderna, aquelas instituições pensadas no bojo da modernidade também passam a ser revisitadas, no sentido de ampliarmos a compreensão sobre os significados que assumem diferentes contextos. Esse é o caso da infância. Desse modo, este texto discute dois conceitos que contribuem para o alargamento de sentido da infância e da suposta crise, anunciada desde várias décadas pelos estudiosos da infância. Por meio das leituras de Benjamin, Adorno e Horkheimer, apresentamos os potenciais da memória e as possíveis influências da chamada indústria cultural no cotidiano de crianças, alterando, de forma significativa, suas vivências de infância ao demonstrar que a relação entre memória e indústria cultural é mais próxima que pensamos.

Palavras-chave: Infância; *Mimesis*; Indústria Cultural.

CHILDHOOD READINGS: FROM THE *MIMESIS* TO THE CULTURAL INDUSTRY

ABSTRACT

With the crisis of the foundations that have supported the modern rationality, those institutions thought in the midst of modernity also come to be revisited in order to broaden the understanding of the meanings on the different contexts. This is the case of children. Therefore, this paper argues two concepts that contribute to the enlargement the sense of childhood and the alleged crisis, announced since several decades by childhood scholars. Through readings of Benjamin, Adorno and Horkheimer, we present the potential of memory and the possible influences of so-called cultural industry in the children's daily life, altering significantly his childhood experiences to demonstrate that the relationship between memory and cultural industry is closer than we think.

Keywords: Childhood; *Mimesis*; Industry Cultural.

LECTURAS DE LA INFANCIA: DE LA MÍMESIS HASTA LA INDUSTRIA CULTURAL

RESUMEN

Con la crisis de los fundamentos que dieron sustentación a la racionalidad moderna, aquellas instituciones pensadas en el núcleo de la modernidad también pasan a ser revisitadas, en el sentido de ampliar la comprensión sobre los significados que asumen diferentes contextos. Ese es el caso de

¹Doutor em Educação e Professor de Metodologia da Pesquisa e Teorias da Educação no Instituto de Educação e nos Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e Educação em Ciências: química da vida e saúde da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). E-mail: <vilmar1972@gmail.com>

² Dotoranda em Educação Ambiental. Mestre em Educação Ambiental. Filósofa. E-mail: <jacque.carrilho@gmail.com>

³ Mestranda em Educação do Programa de Educação da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Pedagoga. E-mail: <vanessa@gmail.com>



la infancia. De ese modo, este texto discute dos conceptos que contribuyen para la ampliación de sentido de la infancia y de la llamada crisis, anunciada desde varias décadas por los estudiosos de la infancia. Por medio de las lecturas de Benjamin, Adorno y Horkheimer, presentamos los potenciales de la memoria y las posibles influencias de la llamada industria cultural en el cotidiano de niños, alterando, de manera significativa, sus experiencias de infancia al demostrar que la relación entre memoria e industria cultural es más cercana que pensamos.

Palabras-clave: Infancia; *Mimesis*; Industria Cultural.

1. Walter Benjamin: a leitura de Infância tendo como referência a Mimesis

“Assim aquela escrivantina guardava, sem dúvida, certa semelhança ao banco escolar, mas sua vantagem era que nela eu ficava protegido e dispunha de espaço para esconder coisas de que ele não deveria saber” (BENJAMIN, 2000, p. 120).

Walter Benjamin (1892 -1940), pensador da Escola de Frankfurt, oferece alguns elementos que contribuem para uma reflexão acerca da memória e seus potenciais educativos presentes na Infância. Em *Rua de sentido único: infância em Berlim*, cunha uma visão da infância e da juventude pensada com base em uma crítica da cultura e da sociedade moderna. A criança filhote do homem, ser em maturação, cidadão do futuro, esperança de uma humanidade que não tem mais esperança, é desalojada por uma criança parte da humanidade, que é fruto de sua tradição cultural, mas que também é capaz de recriá-la, refunda-la; criança que reconta e significa uma história de barbárie, refazendo esta história partindo dos despojos de sua mixórdia cultural, do lixo, dos detritos, trapos, farrapos da ruína. Aqui, a arte em geral, e o cinema e a literatura em particular, ajudam a constituir esse outro modo de olhar a infância, revelando o seu próprio olhar e como ela pensa, sente e imagina o mundo. Ajudam, ainda, a encontrar outra maneira de falar da infância, falando de outro modo das crianças. Ouvindo-as, sobretudo. Assim, se a história, a sociedade e a cultura foram se delineando como categorias centrais para se (re) conceber a infância, a própria infância passa, agora, a ocupar o lugar central em uma concepção de história que se vê e que se quer crítica.

Fica instaurada, assim, uma ruptura conceitual no entendimento da infância de nítidas repercussões para novas compreensões sobre essa temática. Nessa ruptura e para esse entendimento, a linguagem desempenhará papel central. Esses são os aspectos que pretendemos demonstrar com a análise dessa obra. Percebendo já em seu tempo as

seduções impostas pela lógica de uma razão que se tecnicifica, Benjamim procura apontar para outro sentido que, de certo modo, se apresenta como antagônico ao rumo que a *cultura da sociedade* estava indicando. Nessa perspectiva, elege as formas de vida cotidiana como cenário para pensarmos a infância a partir da memória, do lúdico, da capacidade de imaginação, dos sonhos e do prazer pela leitura. Isso tudo se contrapõe com as acepções desenvolvidas no interior da cultura moderna, produtora de sentido para a infância.

A *mimesis* é um recurso que Benjamim utiliza para encontrar potenciais de recriação da realidade, como também para criticar os modelos e formas tradicionais, que pretendiam direcionar a criança dentro de práticas, que não permitiam o desenvolvimento espontâneo da criança:

O relógio no pátio da escola parecia ter sido danificado por minha culpa. Indicava atrasado. (...) Foi assim que violei o meu dia que mal começara e, entrei. Ninguém parecia me conhecer... Também o professor retivera meu nome desde o início da lição. Não deveria mais ser chamado. Quietamente ocupei-me até o toque da sineta. Mas foi tudo em vão (BENJAMIN, 2000, p. 84).

Também aponta para alguns dados que denotam as características da educação da infância em seu tempo, e os estigmas que ficaram implícitos em si a partir desse modelo. É o caso, por exemplo, de alguns segredos que não eram contados às crianças pelos adultos. A ideia de perfeição na memória e a lembrança da imagem enigmática do seu postal, em que estava escrito de forma legível o nome de sua professora Helena Pufahl. Lembra que o P em sua compreensão era o P da Pontualidade, de primor de Pundonor, o F indicava fidelidade, fervor, fortaleza e, quanto ao L final, parecia o L de leveza, de louvor de lirismo. Aquela assinatura com várias consoantes significava para ele, além da perfeição caligráfica, a fonte de todas as virtudes. Benjamim aproveita desse recurso para acusar o modelo de educação moderna, que trabalhou com objetivos, visando estritamente à formação do adulto no futuro, não se importando com uma compreensão do presente e das crianças a partir dos seus arranjos existenciais.

Benjamim recupera, em todo o texto, a possibilidade de recontar e recriar imagens hoje desfeitas pela racionalidade instrumental. Imagens lúdicas de brincadeiras que fizeram parte de uma infância que almeja expandir-se para além dos modelos pré-

estabelecidos. Aponta para uma infância que se permite curtir, imaginar, saborear e sentir o gosto das coisas. Também faz um belíssimo relato sobre sua relação, na infância, com o jogo das letras. Para Benjamin, era o que mais lhe despertava saudades, por se tratar de uma leitura dos primeiros anos de vida. Admirava-se com as fusões gramaticais como um estado de graça: “o que busco nele, na verdade é ela mesma: infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete onde se ordenavam como uma palavra” (BENJAMIN, 2000, p. 105). Para Benjamin, esse aprendizado fora muito importante, pois nunca mais poderia aprender novamente este jogo.

Nesse viés de leitura, do conhecimento e aprendizado com as letras, Benjamin traz belos relatos de uma infância em que se utilizava a biblioteca para emprestar seus livros prediletos. Aponta para a leitura como uma nova compreensão do mundo. Os livros estimulavam o acesso a países longínquos em forma de imagens. Sentia-se cativado pelos livros e lamentava-se por que nem mesmo em sonho conseguia tocar novamente naqueles velhos livros infantis. De qualquer modo, permite incitar que o livro apresenta outra forma de fascínio à infância, a partir da descoberta e do uso de critérios, que possibilite à infância melhores aprendizados. No livro a criança viaja, fantasia, cria, participa e utiliza de processos de aprendizados, que não são meras assimilações.

Recupera, em seu texto, também, sua relação com uma escrivaninha que ganhara porque o médico achou que Benjamin era míope. Era engenhosamente bem construída: “Essa escrivaninha junto à janela logo se tornou meu recanto favorito” (BENJAMIN, 2000, p. 119). Lugar onde guardava todos os seus materiais escolares, e “frequentemente ao voltar da escola, a primeira coisa que fazia era festejar o meu reencontro com escrivaninha” (BENJAMIN, 2000, p. 119, p. 119). Bolle entende essa relação de Benjamin com a escrivaninha do seguinte modo:

A escrivaninha é um espaço lúdico, vindo ao encontro do modo de ser da criança, ao passo que na escola, o espírito lúdico foi substituído pelo dever A escrivaninha é o palco de seus afazeres prediletos, suas ocupações mais amadas. Depois do aborrecido dia de aula, ela lhe dá novo vigor (BOLLE, In: GHIRALDELLI, 1997, p. 10¹).

Bolle entende que, nesse caso, a criança utiliza da astúcia da *mimesis* para desarmar o poder da instituição de ensino. Estando protegida pela escrivaninha, a criança

encontra desculpas inclusive para não fazer os deveres de casa. Neste sentido, essa proteção lhe permitia experimentar outras sensações: “Nada mais confortante do que permanecer assim cercado por todos os instrumentos de minha tortura – vocabulários, compassos, dicionários – num lugar onde de nada valiam suas reivindicações” (BENJAMIN, 2000, p. 120).

A leitura de Benjamin promove um ataque ao modo de educar a infância pela escola oficial e vislumbra, ao mesmo tempo, as possibilidades de escolas mais vivas, impregnadas de novos sentidos ao universo das crianças. Critica, através da proposição da recuperação de imagens infantis, todo o modo que a escola moderna utilizou para *fingir* que estava transmitindo conhecimentos. Com sua *Infância em Berlim*, questiona profundamente que valores interessam para a educação da infância, no sentido de procurar libertá-la e não dominá-la. Daí a importância da *mimesis*:

Na modernidade, o conceito de *mimesis* é instituído por Benjamin e Adorno enquanto *possibilidade de um conhecimento sem dominação e sem violência*, situado exatamente como antítese do modo de pensar racionalista e dominador que funciona como alicerce teórico do pensamento moderno (TREVISAN, 2000, p. 20).

A reivindicação da *mimesis* para a leitura da infância é procedente porque surge através de um olhar em relação a elementos esquecidos e reprimidos na cultura. De certo modo, a infância não fica fora disso. Para Gagnebin, a obra *Infância em Berlim* não é uma autobiografia propriamente dita, como também não tem a pretensão saudosista de ficar recontando uma bela infância vivida como aquele paraíso perdido. Entende que, ao rememorar a infância, a partir da categoria mimética,

A lembrança da infância não é idealização, mas sim realização do possível esquecido ou recalcado. A experiência da infância é a experiência daquilo que poderia ter sido diferente, isto é, releitura crítica do presente da vida adulta (GAGNEBIN in GHIRALDELLI, 1997, p. 97ⁱⁱ).

Nesse recontar mimético, Benjamin em momento algum recupera elementos da perspectiva de Montaigne ou Rousseau, de uma infância inocente e ingênua, mas reclama, sim, da falta de orientação e de desenvoltura das crianças em relação aos adultos. Ou ainda, dito de outro modo, não se concebe o infantil como frágil e como incapacitado, mas um infantil com capacidades de pensar aquilo que está subjacente no processo (o não-

dito), aquilo que a maioria dos professores e pais ignora nas relações que estabelecem com as crianças.

Para Trevisan (2000), ao reencontrar esses elementos perdidos ou reprimidos, a *mimesis* permite uma grande desestruturação daqueles elementos fundados sobre bases ortodoxas da epistemologia moderna. Neste sentido, entende que

Benjamin pensa a dimensão mimética como possibilidade de rompimento com a redundância do discurso fechado e com a repetição a que está fadado todo o conhecimento que cai no processo de identificação com o real: nesse sentido propõe a tese da recuperação da *mimesis* através da discussão de temas ligados à infância e à linguagem que são lacunas deixadas pelo discurso fechado e totalitário em que se transformou o iluminismo (leia-se positivismo) a partir da instauração do projeto da modernidade transformado em modernização forçada (TREVISAN, 2000, p. 84. Grifo nosso).

Fugindo da lógica do discurso totalizador, a *mimesis*, a infância e a linguagem são temas que, de certo modo, causam uma ruptura no discurso homogêneo, propondo algumas discontinuidades e possibilidades de pensar aquilo que não está dito, mas que se encontra subjacente como potenciais de uma cultura reprimida.

A infância pensada nesses moldes é a tentativa de escapar desse processo de dominação, e partir para aquilo que a subjetividade ainda não objetificou. Ao enfatizar o lúdico, o prazer, a contemplação à imaginação, a leitura como possibilidade de uma fantasia espontânea, diferente da perspectiva objetivadora da indústria cultural, Benjamin aponta para alguns nichos interessantes no sentido de pensarmos a infância, por exemplo, a importância que atribui à memória quando a criança brinca. Em nossos dias, ela é substituída pelo excesso de oferecimento de objetos as crianças.

Na obra *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*, Benjamin, além de analisar historicamente as relações das crianças com seus brinquedos, critica o processo de crescente massificação da evolução industrial, que acaba homogeneizando também os brinquedos. Aponta para o fato de que, ao homogeneizar, acabamos sufocando a criatividade e as fantasias dessa brincadeira, além de estarmos educando um novo consumidor. Benjamin denuncia essa lógica imposta pela *cultura da civilização*, que interfere até mesmo na relação das crianças e dos adultos pela maneira como constrói os brinquedos.

Ou seja, os brinquedos deixam de ser miniaturas e independem de cuidado dos adultos. Neste sentido, o próprio brinquedo aponta para uma espécie de emancipação.

Demonstradas as insuficiências da racionalidade moderna, entre elas a cisão entre sujeito e objeto, concordamos com Trevisan (2000) quando aponta que, pelo viés estético, a *mimesis* representa a força purificadora da modernidade, podendo resolver essas limitações da racionalidade moderna. Associada à leitura das construções que a modernidade fez de infância, a leitura de Benjamin destaca alguns espaços ainda encortinados pela mesma racionalidade. Daí a possibilidade de utilizarmos a *mimesis* como potencial de liberação de todos os entraves que não permitiram as múltiplas expressões de infantil, presentes nas diferentes formas de ser criança. Benjamin não está preocupado em descrever o que é a infância, mas está atento às limitações que são impostas pela racionalidade ocidental subjugadora, que categorizou o infantil, restringindo-o de se expressar na sua multiplicidade. Benjamin sugere essa educação estética das infâncias respeitando-as nas suas formas de ser, nas brincadeiras, nas memórias, nos aprendizados; sem o olhar doentio adulto, mas compreensivo de que é necessário tratar as crianças como crianças em qualquer tempo e espaço. A *mimesis* pode significar um respeito e uma vontade de não violentarmos as crianças e, quem sabe, encontrar espaços bem interessantes, que não aqueles exclusivamente dessa relação dominadora sugerida pela indústria cultural. Com a leitura de Adorno e Horkheimer, pretendemos mostrar a forma como a indústria cultural pode interferir no universo infantil.

2. Subjetivação e objetificação das crianças pela Indústria Cultural

“O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113).

A perspectiva que assumimos na aproximação da infância com a indústria cultural ocorre no sentido de percebermos as suas intervenções no universo infantil e na criação de sentido às vivências das crianças. A leitura demonstra certo pessimismo e forte relação de domínio que, caso não seja bem orientada, a indústria cultural tem sobre as crianças. Não se trata aqui de uma demonstração dos pontos positivos dessa indústria, mas

das possíveis patologias que pode gerar no universo infantil. Não ignoramos, no entanto que, bem orientada, a indústria pode trazer contribuições profícuas.

O processo da modernização que subjetiva e objetifica a realidade pode ser percebido, para Adorno (1995), em nossas formas de vida. Adorno e Horkheimer afirmam que esses atributos concedidos ao sujeito funcionam como uma espécie de filtro. Tudo deve passar por ele para se tornarem objetivados. Se partirmos do pressuposto de que, na modernidade, a noção de infância foi moldada conforme os sujeitos a desejaram (de forma positiva para uns, para outros apenas um recurso para afirmar a fase adulta), podemos questionar se um dia realmente existiu essa infância. Também podemos questionar se no processo da chamada *descoberta ou invenção da infância* não se estaria, pelo uso de uma razão adulta, esquecendo das crianças e objetificando-as (a partir de diferentes acepções de infância) em conceitos metafísicos, que até hoje sofremos, porque não conseguimos desenvolver nossas práticas de forma *coerente* com esses postulados.

Uma leitura interessante em que é possível identificar os contornos que as crianças vão tomando e como elas são passíveis de serem moldadas, coisificadas, objetivadas, acontece se tomarmos, por exemplo, um dos fortes conceitos de Adorno e Horkheimer (1985), que é a chamada indústria cultural. Esta indústria é resultado dos processos modernos que fizeram uma opção objetivadora de uma racionalidade técnica, que é conhecida como razão instrumental. Uma das consequências diretas da implementação dessa racionalidade é a implementação de processos de *semiformação*,ⁱⁱⁱ onde a cultura assume o caráter de dominação da natureza e fetichização dos contextos, eliminando qualquer foco de resistência. O que ocorre com as crianças, se tentarmos fazer uma analogia à luz da Indústria Cultural? Não estaria hoje repetindo os mesmos equívocos dos modernos, apenas utilizando de processos de subjetivação e objetivação diferentes?

A impressão que temos é que ninguém pode escapar do cerco dessa nova racionalidade proposta pela Indústria Cultural. Adorno e Horkheimer (1985, p. 118) identificaram isso muito bem: “o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural”. Diante dessa constatação, possuímos a seguinte inquietação: que possíveis aproximações podemos estabelecer entre a criança e a indústria cultural? Que espaço a indústria cultural destina ao universo infantil? Em que sentido o filtro da Indústria Cultural realmente está interferindo na criação de sentido para a infância cotidiana?

A premissa que defendemos é a de que a indústria cultural, coadunada a todo um sistema social, político e econômico e à figura pretensiosa do sujeito, pode manipular o universo infantil, criando formas de subjetivação e um novo sentido que leva, muitas vezes, as crianças a se portarem como adultos, e apontando para novas relações entre o mundo adulto e infantil. Ou seja, cria novos processos de adultização. Ao se estimular os modos de ser adulto, a indústria cultural subverte, por objetificação, os princípios da constituição da infância.

Várias são as estratégias utilizadas por essa indústria, que podem afetar o mundo infantil. Uma delas (que causa vários efeitos) diz respeito à diversão. “Todavia, a Indústria Cultural permanece a indústria da diversão” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128). Nada mais encanta e atrai as crianças do que a diversão. No mundo da indústria cultural, diversão e consumo interagem de forma concatenada. A diversão pode gerar consumo e criar outra identidade às realidades das crianças. Ocorre que a diversão, muitas vezes utilizada como forma sadia e pedagógica para a aquisição do conhecimento, na indústria, pode possuir outras *teleologias*: consumo, alienação, massificação, rotulação e condicionamento para a falta de opiniões próprias. Um exemplo que esclarece isso são os filmes criados pela indústria. Eles normalmente ocupam uma função de diversão. Na sociedade administrada, a diversão, além de ser uma necessidade, também pode ser uma fuga. Os filmes têm a pretensão de preencher este espaço. Ora, existem necessidades que, para serem supridas, necessitam de sofrimento e dor. Eis a capacidade da indústria cultural em transformar uma cena de sofrimento em diversão. Neste sentido, a diversão é violenta.

A criança busca, no filme, a diversão, e pode assimilar, ao mesmo tempo, a violência. Isso aparece nitidamente nos desenhos animados, nos quais, muitas vezes, poder e sacrifício são elementos norteadores do enredo. É a visão de que alguém precisa sofrer para vencer. O sofrimento aparece como uma causa necessária. No entanto, na forma sofisticada como a indústria cultural apresenta as cenas, o sofrimento ocupa o espaço do prazer.

Outra ideia presente nesses enredos é a de que, no mundo administrado, utilizando a técnica de que tudo pode ser resolvido: “os filmes de animação eram outrora expoentes da fantasia contra o racionalismo... hoje apenas confirmam a vitória da razão tecnológica sobre a verdade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 129). O fato é que, segundo

a lógica da indústria cultural, as coisas podem perder seu sentido original. A criança, um ser em formação, acaba absorvendo noções equivocadas de diversão e de arte. A ideia de que a técnica domina e resolve tudo torna a diversão algo mecânico e sem espontaneidade. O espaço, antes destinado à criação, é preenchido por desenhos animados, jogos de *vídeo games* e outros brinquedos técnicos.

A animação e a diversão podem trazer, também, uma noção equivocada de prazer. “O prazer com a violência infringida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 130). Eis a manifestação de cansaço e estresse de algumas crianças quando saem da frente da TV ou das casas de jogos infantis. Os pais ficam sem perceber a grande influência que essa diversão tem sobre seus filhos e, na maioria das vezes, são também vítimas dessa indústria cultural. Assistem seu filho ser transformado, em atitudes e valores, ainda na infância.

Também o riso, algo tão original, nessa indústria cultural pode assumir um sentido de artificialidade. Nas suas produções da indústria cultural: “o riso torna-se um meio fraudulento de ludibriar a felicidade... Na falsa sociedade, o riso atacou como uma doença a felicidade. Rir-se de alguma coisa é sempre ridicularizar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 132). Vemos, então, a distorção até mesmo dos sentimentos que invadem as crianças sem, muitas vezes, nos darmos conta. Desse modo, a criança pode estar vivendo uma realidade criada e fortalecida pela Indústria Cultural. As noções de prazer, de fantasia, de brinquedo, de valores, não são autênticas e são elas que preenchem grande parte do cotidiano das crianças.

A racionalidade vigente pode interferir na vida das crianças, por que “a Indústria Cultural está corrompida, mas não como uma babilônia de pecado, e sim como uma catedral do divertimento de alto nível” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 134). Como as crianças rendem culto à diversão, são elas, ao nosso entender, que assimilam, de modo quase espontâneo, toda essa falsa maneira de divertimento: “Divertir-se significa estar de acordo... Divertir pode significar sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 135).

A diversão proposta pela Indústria Cultural frequentemente pode eliminar, do sujeito, a capacidade de resistência. Ela pode vetar à criança do exercício de seus *porquês*, e substituir, de forma cautelosa, sua condição natural pelas necessidades e pelo império do

mundo técnico. Neste sentido, construir brinquedos, criar fantasias espontâneas e imaginar já não podem mais ser atividades de crianças. Como sabemos, os brinquedos ocupam um espaço muito significativo na vida da criança. Quando esse brinquedo é construído, normalmente está associado ao aspecto da criatividade. O zelo que a ele é atribuído é uma atitude normal do autor desse brinquedo. Na lógica da Indústria Cultural, a ideia da construção pode não mais prevalecer. Vivemos na cultura do desmonte e do descartável. Assim, os modelos de brinquedos, hoje fabricados, são de fácil desmonte. Eles podem não instigar a fantasia das crianças, e serem apenas meros quebra-cabeças. Como são descartáveis, podem ser facilmente esquecidos ou substituídos. A reposição de um brinquedo que facilmente estraga é uma exigência, tanto da criança (novo consumidor) quanto da indústria que os fabrica. Neste sentido, na Indústria Cultural, os brinquedos podem não assumir funções pedagógicas; ao contrário, podem educar para o consumo.

Outra noção fortemente ativada por esta Indústria é a de liberdade plena. Ao nosso entender, esta ideia não pode ser analisada de modo isolado. A premissa de que tudo é possível fazer, inclusive no universo infantil, é resultado de certa interpretação das ideias liberais do século XVIII. Estas ideias invadem a escola e buscam implantar uma nova forma de educar, como é o caso de algumas correntes da escola nova que, almejando educar um novo ser, dão espaço demasiado a ele. O novo espaço destinado às crianças vem amparado em várias teorias, inclusive de caráter psicológico. A má objetivação dessas ideias legou aos séculos posteriores a noção de que tudo é permitido. No entanto, é bom salientar que é essa mesma ideia que legitima o sistema capitalista. Em outras palavras, temos a impressão de que somos livres. A pretensa liberdade, apresentada nos meios de comunicação, confere à criança a impressão de que ser livre é poder consumir. O forte investimento nessa área, por exemplo, explica os altos índices de venda no setor: basta acompanharmos tanto a mídia quanto o consumo de produtos infantis. As crianças, com a capacidade de juízo menos desenvolvida, cedem ao encanto e à astúcia dos mecanismos utilizados pela indústria cultural. Essa trama, poder e desejo seduzem a criança, produzindo resultados preocupantes:

Obviamente, poder misturado com desejo produz um coquetel explosivo; a colonização do desejo, no entanto, não é o fim da história. O poder envolve o consciente e o subconsciente, de uma forma que evoca, sem dúvida, o

desejo, mas também culpa e ansiedade. A intensidade da culpa e da ansiedade pode ser experimentada pela criança como o resultado de seu encontro, ser inseparável do contexto cultura em que ela vive (STEINBERG, 2001, p. 21).

Outro elemento que é objeto da indústria cultural consiste em incentivar precocemente a libido das crianças. Isto aparece em cenas de comerciais ou em concursos de modelos ainda infantis. A criança torna-se um novo produto para as necessidades do mercado. A pergunta de alguns programas de TV: “você tem namorado?”; realizada às crianças dessa fase, consiste em uma agressão explícita à infância pensada nos moldes modernos, e é uma pena que muitos adultos considerem esses procedimentos engraçados: “Estamos em via de exorcizar uma imagem bicentenária de criança e trocá-la pela imagética do jovem adulto” (POSTMAN, 1999, p. 139).

Precisamos estar atentos ao fato de que, da maneira que a mídia apresenta sua programação, é possível perceber que a fronteira entre o mundo da criança e o mundo do adulto é muito tênue. Ao observarmos os programas de TV, percebemos que, o que vemos na mídia, são crianças com comportamentos similares aos dos adultos:

Com isso quero dizer que um espectador atento das comédias, dos costumes, das novelas ou de qualquer outro formato popular da TV, notará que as crianças de tais programas não diferem significativamente em seus interesses, na linguagem, nas roupas ou na sexualidade dos adultos dos mesmos programas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 136).

A TV, como instrumento da indústria cultural, permite às crianças uma forma diferente de acesso às informações. ADORNO (1995) participou de programas desse cunho e aponta algumas suspeitas.

Suspeito muito do uso que se faz em grande escala da televisão, na medida em que creio que em grande parte das formas em que se apresenta, ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores (ADORNO, 1995, p. 77).

De certa maneira, os meios de comunicação, em especial a TV, podem contribuir na criação de modelos para as crianças. Isso poderia ser utilizado no sentido positivo, ou seja, propostas educacionais. Mas não é o que acontece: em geral, os programas infantis utilizam muito esse recurso. As crianças, mesmo não entendendo, querem ser similares ao apresentador ou apresentadora. Desejam imitá-los sempre. Repetem expressões ditas por

eles sem saber seu real significado. E quando o programa é de adultos, isto fica bem evidente. A criança, a partir de outras referências e entendimento dessas informações, sai repetindo, porque assistiu na TV.

3. Considerações

Após alguns séculos em que a modernidade pretendeu moralizar a infância, não estamos de forma alguma almejando uma nova moralização das crianças. Esse não é o viés deste estudo; ao contrário, estamos apontando para novas configurações que podem ocorrer pela eficácia da indústria cultural nas formas de vida de todos, inclusive das crianças. Também não estamos fazendo apologia a um mundo sem televisão. Ao contrário, se bem utilizada, ela pode oferecer aspectos pedagógicos para o desenvolvimento das crianças e, quem sabe, contribuir para o reconhecimento das múltiplas faces de infâncias que presenciamos hoje.

O que queremos trazer são reflexões, uma vez que já é consenso que o paradigma cultural moderno e seus fundamentos estão atravessando uma profunda crise, e a infância moderna não fica fora desse quadro. Neste sentido, questionamos: estando eliminada a fronteira entre criança e adulto, é possível haver a infância sem segredos? Devemos escancarar tudo para as crianças? Que ser humano está-se formando? Pode existir algum espaço de resistência a essa forma avassaladora de criar sentido ao universo infantil? Ou se está trabalhando ainda com a noção de uma infância pura e livre, oriunda de Rousseau? Esse processo de subjetivação e objetivação das crianças, pela indústria cultural, não indica que continuamos, ainda, com intenções de definir o que é melhor para o universo infantil como fizeram os modernos? Não estaríamos desencantados por não assistir à infância com que sempre sonhamos?

Acreditamos que as leituras de Benjamin e de Adorno e Horkheimer contribuem de forma profícua para compreensões de infâncias. Entre os múltiplos aspectos das possíveis aproximações entre memória e indústria cultural, queremos ressaltar dois: o primeiro refere-se ao resgate dos potenciais pedagógicos da *mimesis*, tão esquecidos em muitos cenários de educação infantil. A rotinização da infância, os modos de vida e de consumo impostos e aceitos pela cultura do capital, associados ao paradigma presenteísta e à efemeridade nos relacionamentos fazem com que a muitas crianças não vivenciem em suas

infâncias momentos lúdicos e miméticos. Apontamos, neste estudo, que a memória contribui de modo significativo nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem das infâncias em diferentes contextos educativos.

O segundo aspecto refere-se à atenção que devemos ter em compreendermos as novas faces da infância ou das infâncias nesses novos tempos. Estamos nos referindo, aqui, à leitura que aproxima a indústria cultural do universo infantil. Esse é um campo que não pode ser visto a partir de uma leitura apressada. Trata-se de uma racionalidade muito eficiente, implementada com grande eficácia em nosso cotidiano e no cotidiano infantil e por isto, muitas vezes, facilmente aceita, podendo criar empobrecimento cultural. Fica o desafio em pensarmos em que medida poderemos utilizar essa racionalidade para o reconhecimento e o desenvolvimento infantil, principalmente em um país onde sabemos que muitas crianças não vivem suas infâncias com dignidade e garantia de direitos. Finalmente, destacamos que a *mimesis* pode, ainda, contribuir para inúmeras releituras do mundo da vida infantil.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang L.M. São Paulo: Paz e Terra. 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN W. **Infância em Berlin** In: **Rua de mão única**. Tradução (Obras escolhidas2). Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOLLE, Willi. **A idéia de formação na modernidade**, In: GHIRALDELLI, Paulo. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

GAGNEBIN, Marie J. **Infância e pensamento**, In: GHIRALDELLI, Paulo. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

GHIRALDELLI, Paulo. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

LEO MAAR, Wolfgang. **Formação em questão:** Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural. In: ZUIN; OLIVEIRA (Org) **A educação danificada:** contribuições à teoria crítica. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Tradução Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo Rio de Janeiro: Grafia, 1999.

SHIRLEY R. Steinberg, Joe L. Kincheloe. (organizadores); **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 2001.

TREVISAN, Amarildo L. **Filosofia da Educação:** *mimesis* e razão comunicativa. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

ZUIN, Soares. A.; PUCCI, Bruno.; RAMOS, Oliveira, N. **A educação danificada:** contribuições à teoria crítica: Vozes; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

RECEBIDO EM 21 DE FEVEREIRO DE 2015.

APROVADO EM 07 DE MAIO DE 2015.

ⁱ BOLLE, Willi. **A idéia de formação na modernidade**, In: GHIRALDELLI, 1997.

ⁱⁱ GAGNEBIN, Marie J. **Infância e pensamento**, In: GHIRALDELLI, 1997.

ⁱⁱⁱ Cf. Adorno é a multiplicação dos elementos espirituais sem vinculação viva a sujeitos vivos, nivelados em opiniões que se adaptam aos interesses dominantes (...) é o espírito manipulado dos excluídos. Adorno apud LEO MAAR, Wolfgang. **Formação em questão:** Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural. In: ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA. 1997, p. 82.